

Crônica da Revisão

Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



Congresso Jim Jones

Jim Jones era o pregador de uma religião, por ele mesmo inventada, que previa o fim do mundo para os nossos dias. Instalou-se, com os seus seguidores, nas matas da Guiana, criando uma comunidade que não reconhecia qualquer lei externa. Quando a sua independência foi contestada por uma comissão de inquérito do Senado americano, provocou um suicídio coletivo, no qual também ele morreu.

O Parlamento brasileiro, refletindo a desorganização mental das forças políticas à direita do PT, está acometido da síndrome Jim Jones. José Serra, líder do PSDB, detectou o fenômeno, mas não lhe soube dar o nome. Disse apenas: "Esse Congresso está doente."

A síndrome Jim Jones tem muitas caras. A primeira, variada geral do aparelho do Estado, é a do corporativismo. Manifesta-se por um crescente movimen-

to no sentido de inocentar Ibsen Pinheiro e Ricardo Fiúza na Comissão de Justiça da Câmara e, se não der, no plenário. O argumento: se roubaram, não foi no Orçamento. Operavam em outras áreas. Ou seja, não se contesta o enriquecimento inexplicável dos deputados, mas a sua origem. O mesmo argumento é usado para defender muitos dos que estão sujeitos a novas investigações.

A segunda cara é a da irresponsabilidade inflacionária. Manifestou-se espetacularmente na obstrução das votações das medidas provisórias que contribuíam com cerca de 800 milhões de dólares ao projeto de déficit zero do Governo. No entanto, a irresponsabilidade vinha desde o início das discussões do plano de combate à inflação, sobre o qual a maioria está de acordo, mas para o qual ninguém se dispõe a contribuir com o seu próprio dinheiro:

prefeitos, governadores, funcionários com mega-salários, parlamentares proprietários de terras e empresas. Quando o dinheiro é dos outros, anônimo e generalizado, como o dos assalariados, ainda vá lá. Topam um aumentozinho do Imposto de Renda. Quando é o do seu rico bolsinho, nem pensar. Mateus, primeiro os meus.

Para se ter uma idéia de mega-salários: o ministro Romildo Canhim, da Administração Federal, conta que a primeira contestação judicial contra a MP que limitava os salários ao máximo concedido pela Constituição veio, sabem de onde? Dos professores da Escola Técnica Federal da Paraíba.

Há, ainda, a falta de visão de estratégica política. Um governo só se derruba para se pôr outro no lugar. Um plano só se sabota se há outro pronto a substituí-lo. Os parlamentares que não compareceram às votações das medidas provisórias ou lhes negaram número não têm propostas nem para um novo ministério nem para um novo plano. Logo, se derrubarem a equipe econômica, não saberão o que fazer no **day after**.

A derrubada da equipe econômica quase ocorreu em uma reunião dramática, na noite de quinta-feira. "Pela primeira vez nós vimos a porta da rua", disse-

me um dos seus membros. Só não houve uma debandada geral porque Fernando Henrique cobrou a sua taxa de liderança, pedindo à equipe um voto de confiança pessoal. Nada garante que essa taxa possa ser cobrada duas vezes.

Finalmente, há a vocação do matadouro, episódio final da síndrome Jim Jones. As forças conservadoras são majoritárias no Congresso e nos Governos estaduais. Defrontam-se com a candidatura de Lula, que já ultrapassou as fronteiras da esquerda para penetrar na ampla geléia geral dos descontentes. Caso tivessem vivo o instinto de sobrevivência, estariam buscando um JK para uni-las, ou seja, um candidato que, primeiro, não fosse acusado de ladrão; depois, que tivesse para mostrar realizações suficientemente concretas que abrissem às massas menos politizadas a esperança de dias melhores. Sem inflação e com emprego.

Em vez de fazer isso, cada partido à direita do PT joga o seu candidato em campo, na esperança de chegar ao segundo turno e conseguir, por exclusão e sem negociações, a unidade que não quiseram construir agora.

Jim Jones, purinho. Esse filme já foi visto várias vezes, em muitos lugares. Em Versailles, por exemplo.